



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

TRADUÇÃO: FIDELIDADE *VERSUS* LIBERDADE*

Aline Ribeiro Pena**

Resumo: Tomando por parâmetro uma questão que toca toda a tradução, se “o tradutor é fiel à obra?”, mesmo face à complexidade da resposta e da possibilidade de nossas reflexões, ficarem num plano superficial, o presente artigo tenciona refletir, nos limites da tradução, acerca da fidelidade e da liberdade do ato de traduzir.

Palavras-chave: Tradução. Fidelidade. Liberdade.

Introdução

Not ut inter pres sed ud orator.¹

Cícero, séc.I a.C.

Uma questão fundamental sobre as discussões teóricas acerca da tradução parece imutável, desde Cícero, há mais de dois mil anos: tudo parece girar em torno da dicotomia fidelidade *versus* liberdade.

Pensar a tradução como fidelidade é pensar em equivalência entre as línguas de partida e de chegada, onde haveria sempre uma unidade equivalente na língua de chegada para a escolhida na língua de partida; no entanto, isto não acontece desta forma, já que a tradução se revela cheia de meandros e complexidades. Por sua vez, pensar a tradução como liberdade é acreditar que a intervenção consciente do tradutor sobre o foco de sua atenção, no decorrer do processo tradutório, produzirá uma tradução mais personalizada.

* Trabalho de final de curso da disciplina Tópico em Linguística Aplicada I, orientado pela profa. Dra. Elida Paulina Ferreira, no Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

** Mestranda em Letras: Linguagens e Representações, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

¹Do latim para o português: “não como o que interpreta, mas como o que fala”; numa tradução mais livre: “tão fiel quanto possível, tão livre quanto necessário”.

Assim, tomando por parâmetro uma questão que toca toda a tradução, se “o tradutor é fiel à obra?”, mesmo face à complexidade da resposta e da possibilidade de nossas reflexões ficarem num plano superficial, o presente artigo tenciona refletir, nos limites da tradução, acerca da fidelidade e da liberdade do ato de traduzir.

Fidelidade *versus* liberdade

São Jerônimo, “o pai da Bíblia latina” (a *vulgata*²), chamado de santo padroeiro dos tradutores, não recebeu o ilustre título por ter sido o primeiro, nos registros históricos, a apresentar uma *teoria* da tradução, pois cabe a Platão tal honra. Seja talvez porque Jerônimo foi o primeiro a *reclamar* das traduções e da sua qualidade, a criticar copistas descuidados e a promover uma campanha em prol de maior exatidão. No entanto, esse mesmo Jerônimo, em sua epístola ‘Os princípios da tradução’, afirma que, com exceção das Escrituras Sagradas, “um tradutor não devia sentir-se obrigado a produzir uma transcrição palavra por palavra; bastava traduzir o significado” (p. 437-438).

Afirmações como essa e como a seguinte, promovem críticas à *vulgata* e à Jerônimo, de que o mesmo teria adulterado o seu conteúdo na tradução do texto grego para o latino:

Obrigas-me fazer de uma Obra antiga uma nova... da parte de quem deve por todos ser julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido. Qual, de fato, o douto e mesmo o indouto que, desde que tiver nas mãos um exemplar, depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros? (Obras de São Jerônimo, edição dos Beneditinos, 1693, t. It. Col. 1425).

Consoante às afirmações de Jerônimo, vemos que traduzir é mais do que conhecer uma língua e seu vocabulário, ou, ainda, é mais do que transpor palavras de uma língua à outra; traduzir é uma tarefa que requer reflexão consciente, mas é também uma arte, um dom.

Em oposição, uma outra concepção, de que a tradução acontece num vácuo temporal e cultural, onde uma ideia formulada numa língua pode ser automaticamente transposta à outra língua como se tratasse de uma operação matemática de equivalências entre palavras mediada pelo uso do dicionário, remonta à idéia de *traição* do provérbio italiano “*Tradutori traditori*”³.

²Tradução para o latim da Bíblia, escrita em meados do século IV por São Jerônimo, a pedido do Papa Dâmaso I; é ainda o texto bíblico oficial da Igreja Católica Romana.

³Tradutor traidor.

No entanto, por mais que o tradutor esteja imbuído do sincero propósito de oferecer um texto isento de vícios, incorreções e imprecisões (não querendo, aqui, dar uma ideia negativa da tradução), por vezes, os obstáculos são intransponíveis e aquilo que pretendia ser uma tradução se torna inevitavelmente também uma interpretação. Isso acontece por uma simples razão: toda língua possui suas peculiaridades, sua beleza, seus trocadilhos e suas ambiguidades poéticas, resistindo a todos os esforços do tradutor no sentido de adaptá-la a outro idioma.

Exemplificando essa dificuldade, citamos Guimarães Rosa (2003) em confissão, em uma das 72 cartas, especificamente, a de 04.XII, 1963, a seu tradutor italiano Edoardo Bizzari:

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse ‘traduzindo’, de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no ‘plano das idéias’, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando nessa ‘tradução’. Assim, quando me ‘re’- traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do ‘original ideal’, que eu desvirtuara...(p.99).

O fragmento epistolar lança iluminações aos estudos da tradutologia, quer no ramo da Literatura Comparada, que aposta essencialmente na determinação das influências das literaturas estrangeiras sobre as literaturas nacionais; quer nos estudos de índole essencialmente linguística, os quais compreendem não só qualquer discurso traduzido, escrito ou oral, como também o *processo* do ato de traduzir.

Esse processo da tradução, segundo Derrida (1975), estaria mais para uma *transformação* regulada de uma língua por outra:

(...) temos de substituir a noção de tradução por uma noção de transformação: transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro (p.30).

Língua, tratada aqui como para Ferreira (2006), não como objeto puro e homogêneo, mas como objeto heterogêneo:

Uma língua, isso que supomos ser uma só e única, não se encontra em estado puro e intocado para ser tomada. (...) opera-se, já em seu interior, algo da ordem de uma tradução. Pode-se dizer, a partir disso, que há um processo contínuo de apropriação linguística, o que nos leva a romper com a idéia de unicidade e de homogeneidade da língua (p.4).

Outro autor, Jorge Luis Borges, tem “mais a dizer-nos sobre o pulsar interior da linguagem e da tradução” (Steiner, 2002, p.92). Seu ensaio *Las versiones homéricas*, do livro *Discusión* (1932), se inaugura com o seguinte aforismo:

Ningún problema tan consubstancial con las letras y con su modesto misterio como el que propone una traducción (...) la superstición de la inferioridad de las traducciones – amonedada en el sabido adagio italiano – procede de una distraída experiencia. No hay un buen texto que no parezca invariable y definitivo si lo practicamos un número suficiente de veces “(p. (239).

As várias versões da obra homérica refletem o quanto os estudos da tradução estão articulados com a literatura comparada e com o método comparativista, configurando, destarte, um ramo do campo interdisciplinar. A tradução resulta, então, numa leitura e numa leitura crítica; o tradutor é um crítico da obra traduzida, e não um mero decodificador automático, é aquele que encontra costumes comparáveis na tradução de uma língua (partida) para outra língua (chegada).

Assim, a tradução ao engendrar estudos que permeiam diversas áreas do saber, inclusive no que tange a uma genealogia da tradução e à crítica literária, faz do tradutor um agente cultural entre culturas, espacial e temporalmente diversas. Ao fim, indaga Borges:

Cual de esas muchas traducciones es fiel? Querrá saber tal vez mi lector. Repito que ninguna o que todas. Si la fidelidad tiene que ser a las imaginaciones de Homero, a los irrecuperables hombres y días que él se representó, ninguna puede serlo para nosotros; todas para un griego del siglo diez. Si a los propósitos que tuvo, cualquiera de las muchas que transcribí, salvo las literales, que sacan toda su virtud del contraste con hábitos presentes (p. 243).

Considerações finais

Diante dos dois tipos possíveis de tradução, “las dos maneras básicas de traducir” (Borges, 1932, p. 241): a literal, decorrente da fidelidade palavra por palavra “la retención de todas las singularidades verbales”; e a maneira mais livre na qual ocorre “la severa eliminación de los detalles que distraen o detienen (...)” (p. 241); partindo da constatação de que “la serie de las versiones de la Odisea bastaría para ilustrar un curso de siglo” (p. 240), verificamos que tradução livre favorece a oração, enquanto a tradução literal defende a hegemonia da palavra, daí cada tradutor fazer uma tradução diferenciada exatamente porque cada um parte de unidades diferentes para realizar as traduções. Não existe nada de errado com isso. O importante é perceber o que fazer e como o fazer. É saber que caminhos percorrer para transformar uma estrutura na língua de partida em uma estrutura na língua de chegada.

Referências

- BORGES, J. L. *Obras completas*. Editora Globo: São Paulo, 1974.
_____. *Discusión*. Emecé, 1932.
- DERRIDA, J. *Posições*. Plátano Editora: Lisboa. Tradução de Maria Margarida Correia Calvente Barahona. 1975.
- FERREIRA, E. *Tradução e Transformação em The Devil to pay in the backland*. In: Vozes, Olhares, Silêncios – comunicações apresentadas no IX Seminário de Lingüística Aplicada e IV Seminário de Tradução. Editora da UFBA, 2006.
- ROSA, G. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzari*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 3 ed. 2003.
- SÃO JERÔNIMO. *Obras de São Jerônimo*. Edição dos Beneditinos, 1693, t. It. Col. 1425.
- STEINER, G. *Depois de Babel: aspectos da linguagem e tradução*. Trad. Miguel Serras Pereira. Editora Relógio D'Água, 2002.